



Operações militares em áreas urbanas

Introdução

A revista “*Population et sociétés*”, do Instituto Nacional de Estudos Demográficos Francês (INED), citando dados da Organização das Nações Unidas (ONU), relata que em 1900 apenas 10% da população mundial vivia em cidades. Essa proporção saltou para 30% em 1950 e, atualmente, ultrapassou os 50%. Estima-se que até 2030 esse número atingirá a marca de 60%. Segundo estudos recentes, a proporção da população urbana continuará a crescer até estabilizar-se em um patamar entre 80 e 90% da população mundial.

Com base nos dados apresentados, depreende-se que, com a expansão da urbanização no mundo, as guerras também tenderão a ocorrer com mais frequência nesse tipo de ambiente. MOGADÍSCIO (Somália - 1992 e 1993), GROSNY (Chechênia - 1998 e 1999), JENIN (Palestina - 2002), BAGDÁ, BASRA, NAJAF, NASSIRIYA, FALLUJAH (Iraque - 2003 e 2004) e FAIXA DE GAZA (Palestina - 2009) são exemplos típicos de guerras em cenários urbanos nas últimas duas décadas.

À medida que o ambiente operacional do Teatro de Guerra é urbanizado, os meios empregados nos conflitos, a divulgação feita pela mídia e a pressão mundial para evitar esses conflitos também se modificam, principalmente quando a população civil é afetada diretamente. Vivemos, então, um período de rápida transição em que Forças flexíveis e versáteis que se adaptem tempestivamente a esse tipo de ambiente e seus fatores condicionantes poderão obter consideráveis vantagens para a consecução de seus objetivos.

O ambiente do combate urbano

O Corpo de Fuzileiros Navais está atento a essas transformações e, por isso, dedica considerável importância a esse tipo de combate. Considerando-se a revolução tecnológica em andamento, as táticas, técnicas e os procedimentos utilizados no combate urbano devem ser aperfeiçoados e explorados em todas as suas dimensões, a fim de aumentar a eficácia do combatente nesse tipo de cenário.

Sob a égide da Garantia da Lei e da Ordem (GLO), nossas participações nas Operações RIO I e II, GUANABARA e ELEIÇÕES 2008 contribuíram para que nossa doutrina voltasse sua atenção para esse tipo de ambiente. De forma semelhante e com mais intensidade, as lições aprendidas pelos nossos Fuzileiros Navais na Missão das Nações Unidas para a Estabilização do Haiti (MINUSTAH) estão re-

volucionando nossa doutrina, permitindo que novas táticas, técnicas e novos procedimentos operacionais específicos para emprego em ambiente urbano sejam desenvolvidos, adotados e disseminados.

Entretanto, os fatores condicionantes da guerra conduzida em ambiente urbano vão muito além das ações desenvolvidas no Haiti ou em operações de GLO realizadas em nosso país. As dificuldades enfrentadas pelo combatente nesse tipo de ambiente são muito mais complexas. Na guerra convencional, declarada ou não, onde uma facção atua como Força Armada regular contra outra facção, também Força Armada regular ou não, mas com disponibilidade de armas para o apoio de fogo, evita-se combater em cidades devido à alta complexidade desse tipo de luta. O elevado número de baixas e o desgaste da tropa corroboram para que somente objetivos muito compensadores justifiquem operações em cidades.

Enquanto o Direito Internacional para os Conflitos Armados (DICA) regula os combates ocorridos em guerras, os enfrentamentos ocorridos em um país cujos poderes constituídos vigoram são regulados pelas leis daquele país. No primeiro caso, o Direito da Guerra tem por objetivo evitar sofrimento desnecessário e, por isso, não garante aos cidadãos diversos direitos estabelecidos em tempos de paz. Já em um país onde as leis locais possuem instituições capazes de garanti-las, pretende-se, a todo custo, preservar a segurança e o bem-estar da população. Essa é uma diferença fundamental que jamais poderá ser esquecida em nossos adestramentos.

Considerando-se as peculiaridades do arcabouço jurídico, a diferença da preparação de tropas para essas missões deve ser explorada com atenção, devido ao risco de não se ter o militar adestrado para o tipo de situação que deverá encontrar. Nos enfrentamentos em que o primordial é a segurança da população, diversos procedimentos são adotados para preservá-la. Nos casos de combate em ambiente urbano, apesar dos princípios da distinção, limitação, proporcionalidade e humanidade, a utilização do princípio do objetivo militar (ou a necessidade) poderá justificar a ocorrência de vítimas civis sem prejuízo das leis da guerra. Logicamente, apesar do amparo legal, com a mídia explorando e transmitindo a evolução dos fatos em tempo real, a opinião pública mundial se oporá, cada vez mais, a esses tipos de baixas, gerando fortes pressões sobre quem as provoca.

Resta uma observação a respeito da exploração da população civil nesses enfrentamentos: no DICA, fica bem definido que quem utiliza a população, lugares sagrados e/ou hospitais como escudo, comete o crime de perfídia,

diferentemente do que é, muitas vezes, divulgado pela mídia, que normalmente infere ao atacante a responsabilidade pela morte de civis inocentes nessa situação. Apesar da controvérsia gerada, fica o alerta de que não são completamente proibidos esses ataques, sendo o princípio da necessidade o principal parâmetro no processo de tomada de decisão em tais situações.

Devido a essa maior presença de civis no ambiente urbano, o aspecto jurídico apresentado acima cresce de importância, sendo um fator complicador especialmente quando um dos lados beligerantes explora sua neutralidade para obter consideráveis vantagens. Quando se fala em guerra assimétrica, a exploração desse aspecto é acentuada, na medida em que o partido mais fraco atua descaracterizado, utilizando técnicas de terrorismo e guerrilha, afastando-se do escopo do DICA.

Outro aspecto que dificulta as operações em cidades é a complexidade das características do ambiente urbano. O combatente tem de estar preparado para lutar em três dimensões (3D). Além do plano em que ele se desloca, existe a preocupação com o subsolo, permeado por galerias e túneis por onde o inimigo pode se infiltrar, atacar, reforçar ou ressuprir e com o espaço sobre sua cabeça, onde o inimigo poderá utilizar as construções mais altas para posicionar atiradores, observadores, preparar armadilhas e emboscadas, bem como utilizar o espaço aéreo com sua aviação.

Além dos aspectos legais envolvidos com a presença de civis inocentes na área urbana e de sua característica 3D, esse ambiente operacional oferece riqueza em cobertas e abrigos, vias de acesso canalizadas pelas ruas / avenidas e observação e campos de tiro limitados. Cabe ressaltar que tal cenário se modifica conforme a evolução dos fatos. A história mostra que bombardeios de artilharia e aviação, ao destruir edifícios, dificultam ou impedem o trânsito pelas ruas, restringindo, principalmente, o essencial apoio dos blindados, como aconteceu em STALINGRADO (Figura 1) e na CHECHÊNIA (Figura 2), ou seja, os aspectos de observação, campos de tiro, cobertas, abrigos, obstáculos, acidentes capitais e vias de acesso (OCOAV) possuem características peculiares e podem transformar-se rapidamente, o que torna o ambiente especial; por isso, exige treinamento específico para a tropa que atua nele.

Pelas características anteriormente apresentadas e confirmadas pelo estudo de diversas batalhas ocorridas em cidades, constatamos que esse tipo de terreno impõe um

combate aproximado. Como exemplo, na Batalha de STALINGRADO, para evitar as armas de apoio do inimigo (artilharia e aviação), os russos se posicionavam o mais próximo possível da frente alemã, a fim de reduzir a probabilidade de ocorrência de “fogo amigo” com suas consequências indesejáveis para o moral da tropa. Diversos relatos descrevem a importância da disciplina de ruídos e de luzes devido à facilidade de se detectar a presença do inimigo dentro das reduzidas distâncias envolvidas, muitas vezes do outro lado da parede.

A influência da tecnologia e o advento de novas táticas e técnicas

E hoje, como a tecnologia influencia esse cenário? Com certeza, como em qualquer ambiente, como facilitadora para quem a possui e a aplica com “expertise”, mas ela também sofre as restrições do ambiente: as propagações eletromagnéticas são prejudicadas pelas construções e redes elétricas, os equipamentos de visão noturna de luz residual muitas vezes não funcionam em ambientes fechados e os sensores térmicos são prejudicados pelos incêndios e máquinas em funcionamento, tudo isso mesclado com a presença da população civil.

Artigos de oficiais americanos vislumbram os avanços tecnológicos que aumentarão a eficácia do soldado nesse tipo de combate, apresentando soluções em desenvolvimento nos Estados Unidos que estão muito distantes da realidade para a maioria das Forças Armadas no mundo. Pequenos robôs blindados, capazes de transitar sobre escombros, identificar o inimigo e eliminá-lo com seu armamento, são exemplos de mecanismos que estão sendo testados. O soldado deverá ser rústico o bastante para suportar tais ambientes e, também, técnico o suficiente para saber operar os novos equipamentos. Paradoxo interessante, mas que traça, a meu ver, o perfil do soldado do futuro opondo-se à ultrapassada idéia de que o combatente só precisa de “endurance”. Aproveitando as palavras de Castro Alves em sua obra Espumas Flutuantes: “Não core o livro diante do sabre, nem core o sabre de chamá-lo irmão”.

Continuo acreditando ser, o homem preparado, o elemento de maior valor nesse tipo de combate. A evolução de técnicas de vasculhamento, utilização correta dos equipamentos de proteção individual, dos meios de comunicação, do armamento e do estudo do terreno farão a diferença. Muitos ensinamentos foram trazidos para o CFN, tanto fruto da participação de nossos contingentes na MINUSTAH, como nos diversos exercícios ocorridos com Forças de outros países. Os Exercícios de Intercâmbio como o INTERCÂMBIO SUR, que visa à troca de conhecimentos operacionais, táticos e técnicos entre frações de diversas nações latino-americanas e



Figura 1 - Batalha de Stalingrado



Figura 2 - Guerrilheiro na Chechênia

dos Estados Unidos da América, realizados em 2006 nos EUA, 2007 no Chile e em 2008 na Argentina, permitiram a troca de informações e o aprimoramento de vários procedimentos. Esse intercâmbio está previsto para ser realizado em 2009 no Brasil com a participação de 8 países: Argentina, Brasil, Bolívia, Chile, Colômbia, Estados Unidos da América, Peru e Uruguai. Os relatórios decorrentes, após devidamente analisados e apreciados, poderão contribuir para aprimorar nossos manuais e, posteriormente, serem disseminados para todo o CFN.

Cabe ressaltar também que foram produzidos Procedimentos Operativos Padrão (POP) a respeito de patrulhamento mecanizado, motorizado e a pé em área urbana, fruto da nossa experiência obtida no Haiti, e foram adotados e aperfeiçoados modelos de pistas utilizadas em outros países para esse adestramento específico.

Atualmente, além da pista de combate em localidade do Batalhão HUMAITÁ, conhecida pela maioria dos Fuzileiros Navais, existem, no Batalhão PAISSANDU, as pistas de entrada em compartimento (Figura 3) e a pista de tiro de combate urbano (Figuras 4 e 5), onde nossos militares praticam as técnicas de entrada em compartimento, vasculhamento de casas e galerias, além da passagem por obstáculos urbanos com a possibilidade de se utilizar munição real – ainda há uma pista de túneis, em fase final de construção. A construção do complexo de pistas do Centro de Adestramento da Ilha da Marambaia acentuará ainda mais o desenvolvimento dessas táticas e técnicas.

Todos esses fatores conjugados solidificam conhecimentos antigos e geram novas informações e necessidades de meios específicos, além de contribuírem para o aperfeiçoamento dos nossos procedimentos operativos. Abaixo são apresentadas algumas observações, fruto dessas diversas experiências:

1. O empunhamento do fuzil utilizando a mão forte gera confiança ao Fuzileiro Naval e permite respostas mais rápidas a qualquer ação adversa.
2. A utilização do fuzil durante vasculhamento e ataque na posição sul, permite melhor equilíbrio e resposta às ações adversas, diminuindo o desgaste do combatente. Essa técnica é facilitada com a adoção da bandoleira de três pontas (Figuras 6, 7 e 8) e, mais recentemente, com o uso dos mosquetões de ombro.
3. A utilização da visão periférica, mantendo os dois olhos abertos, permite maior percepção do ambiente. Aliadas a essa técnica, com a utilização de miras holográficas ou “green/red dot” a aquisição de alvos é potencializada e os danos colaterais são reduzidos.
4. As técnicas de deslocamento e posições utilizadas facilitam a aquisição de alvos, a proteção individual e a pronta-resposta às ações adversas (Figura 9).
5. A utilização de atiradores de precisão nos Grupos de Combate atua em proveito da fração, aumentando a sua segurança e reduzindo a probabilidade de danos colaterais.

Alguns dos exemplos explanados são técnicas que não contrariam nossos manuais, mas também não estão norma-



Figura 3 - Pista de entrada em compartimento do Batalhão Paissandu



Figura 4 - Pista de tiro de combate urbano no Batalhão Paissandu



Figura 5 - Pista de tiro de combate urbano no Batalhão Paissandu

lizadas. Para que isso ocorra, será necessária uma análise profunda de nossos órgãos formuladores de doutrina e a sua respectiva homologação, com a devida inserção em nossos manuais. É a doutrina informal que caminha sempre à frente, atualizando e aprimorando a doutrina formal.

Cabe ressaltar que a utilização de alguns meios, antes considerados somente para tropas de Operações Especiais, devem ser dotados nos Batalhões de Infantaria. Quatro bons exemplos são a luneta para atiradores de precisão nos Grupos de Combate (GC), o aparelho de pontaria “green/red dot”, os equipamentos-rádio “hand-free” e os fuzis M-4, que permitem maior manobrabilidade ao combatente, ganho de eficácia na aquisição dos alvos e, conseqüentemente, reduzem a possibilidade de danos colaterais nos engajamentos.



Figura 6 - Posição Sul



Figura 7 - Posição vasculhamento

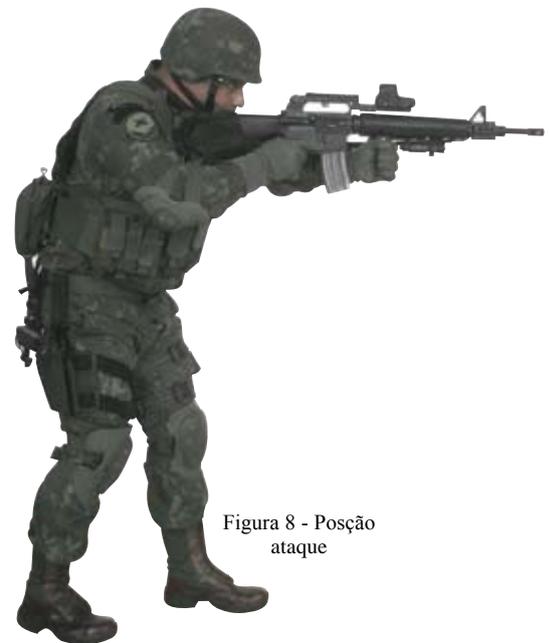


Figura 8 - Posição ataque



Figura 9 - Técnica de deslocamento

Durante o 4º Contingente no Haiti, foi necessário o treinamento de atiradores de precisão para cada GC visando às operações desenvolvidas em que o posicionamento desses atiradores em pontos-chave garantiu uma segurança mais eficaz para o restante da fração. Cabe ressaltar que esses militares não eram “snipers”, mas militares adestrados, capacitados a realizarem o tiro em melhores condições que os demais companheiros. Nesses casos, a quantidade necessária de militares e a especificidade da missão não exigiam o emprego de militares de Operações Especiais. Para o exemplo das lunetas, vamos ao passado não tão distante, quando o Fuzil Automático Leve (FAL) ainda era adotado nos Batalhões de Infantaria de Fuzileiros Navais; naquela época, existiam, em cada paiol de CiaFuzNav, dezoito lunetas para o FAL, ou seja, duas por GC.

Conclusão

A guerra urbana é um tema extenso cujas características do combate moderno exigem acompanhamento constante dos recursos passíveis de serem utilizados em seu proveito. É importante ressaltar que o CFN tem acompanhado o

nascimento de novas táticas, técnicas e procedimentos e avaliado as mudanças necessárias para o aprimoramento de nossa doutrina. As pistas construídas nos últimos anos e os projetos existentes são a prova viva da recente atenção dedicada a esse aperfeiçoamento, que deverá manter o foco no valor do Fuzileiro Naval que, com suas honra, competência e determinação, continuará sendo referência de soldado profissional.

Para encerrar, gostaria de tecer um agradecimento especial aos militares do Batalhão PAISSANDU, “PRIMEIRA VAGA”, que muito contribuíram, voluntariamente, para a edição deste artigo. Cito, em especial, o CB-FN-IF Henrique Dias da Costa, que apresentou vasto material de consulta, demonstrando invulgar interesse e conhecimento profissional acima da média. Sinto orgulho de comandá-los.

ADSUMUS!

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS DEMOGRÁFICOS. Metade dos habitantes do planeta vive em cidades. Population et sociétés. Paris, 2007. Disponível em: <http://br.groups.yahoo.com/group/niem_rj/message/3310>. Acesso em: 08 mar. 2009

BIBLIOGRAFIA

ALEXANDER, Steven E. **Guerra urbana**, as Forças dos EUA em conflitos futuros. Exército dos EUA. Disponível em: <<http://usacac.army.mil/CAC/milreview/portuguese/4thQtr02/alexander.PDF>>. Acesso em: 02 mar. 2009.

BATALHA de Stalingrado: o heroísmo soviético. **Jornal eletrônico Conselheiro X. Porto Alegre**. Disponível em: <<http://conselheirox.blogspot.com/2009/01/batalha-de-stalingrado-o-heroismo.html>>. Acesso em: 02 mar. 2009.

CARNEIRO, Mário R. V. Combate Urbano. **Revista Segurança e Defesa**. Rio de Janeiro, 2004. p.12.

HAHN, Robert F., JEZIOR, Bonnie. O Combate Urbano e o Combate Urbano de 2025. **Military Review**, Kansas, trimestres. 2/2001. Disponível em: <<http://defesabrasil.com/site/index.php/Artigos/O-Combate-Urbano-e-o-Combatente-Urbano-de-2025.html>>. Acesso em: 03 mar. 2009.

MANUAL de Operações em Área Urbana. Comando-Geral do Corpo de Fuzileiros Navais: Rio de Janeiro, 2002. CG-CFN-3100.

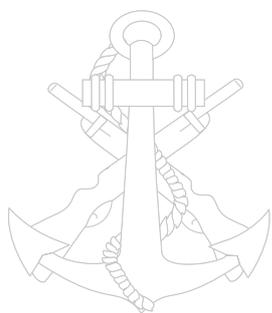
MANUAL de Campanha. Batalhões de Infantaria. Estado-Maior do Exército. 3. ed. Exército Brasileiro: Rio de Janeiro, 2003. C-7-20.

MARIGHELA, Carlos. **Manual do guerrilheiro urbano**. Disponível em: <<http://www.angelfire.com/de2/cheguevara/arquivos.htm>>. Acesso em: 02 mar. 2009.

PRIMEIRA guerra da Chechênia. Wikipédia, Enciclopédia livre. Disponível em: <<http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/thumb/c/cc/Evstafiev-chechnya-palace-gunman.jpg/270px-Evstafiev-chechnya-palace-gunman.jpg&imgrefurl>>. Acesso em: 11 mar. 2009.

URBANIZAÇÃO no mundo. Disponível em: <<http://www.brasilecola.com/geografia/urbanizacao-mundo.htm>>. Acesso em: 08 mar. 2009.

YAZOV, Dimitri. Combate urbano é algo que não se deseja nem ao pior inimigo. **Komsomolskaya Pravda**, Moscou, 05 abr. 2003. Diário Vermelho. Disponível em: <http://www.vermelho.org.br/diario/2003/0405/0405_marechal_urss.asp>. Acesso em: 02 mar. 2009.



CF (FN) Marcelo Guimarães Dias
CT (FN) Pedro Fernando Zonzin Filho

Contribuição ao desempenho dos GptOpFuzNav-Haiti com a incorporação das viaturas PIRANHA

Introdução

Para que se possa ter a exata compreensão da importância do emprego das Viaturas Blindadas Especiais Sobre Rodas 8X8 PIRANHA III C (VtrBldEsp SR 8X8 PIRANHA III C) na Missão das Nações Unidas para Estabilização no Haiti (MINUSTAH), faz-se necessário remetermos ao ano de 2004 e relembrarmos o próprio momento da ativação do Grupamento Operativo de Fuzileiros Navais – Haiti (GptOpFuzNav-Haiti).

Para o melhor entendimento desse contexto, destacam-se três aspectos centrais que merecem ser lembrados:

1º) com o intuito de não degradar ainda mais a precária malha viária existente no país, foi decidido que não seriam levadas viaturas sobre lagartas para a Área de Operações;

2º) diante dessa condicionante, o GptOpFuzNav-Haiti contava inicialmente com o apoio prestado pelas viaturas blindadas URUTU do Exército Brasileiro, que em razão do cumprimento de suas próprias tarefas, nem sempre podiam atender integralmente às solicitações da tropa anfíbia; e

3º) não existiam, naquele momento, viaturas blindadas sobre rodas com sistema de tração 8X8 e dotadas de tecnologia atual, para que fossem comercializadas e

fornecidas por qualquer fabricante da Indústria Nacional – situação essa que perdura até hoje, aproximadamente, quatro anos mais tarde.

Como os engajamentos na missão ainda eram bastante frequentes, foi identificada a premente necessidade de aquisição de viaturas que proporcionassem segurança à integridade física de nossos combatentes. Dentro desse quadro, em novembro de 2005, teve início um marcante processo de obtenção de uma Viatura Blindada Sobre Rodas para o Corpo de Fuzileiros Navais (CFN), que fosse moderna tecnologicamente, com disponibilidade de rápida entrega, cujo emprego fosse reconhecidamente aprovado por outros países e, principalmente, capaz de atender àquela iminente demanda operacional.

Destaca-se que uma obtenção desse porte envolve um minucioso detalhamento dos requisitos operacionais, a observância a dispositivos legais que regem as normas para realização de uma licitação internacional, o fomento das ações que efetivam a Política de Compensação Comercial, Industrial e Tecnológica (Política de “OFFSET”) e a previsão do correspondente Apoio Logístico Integrado (ALI). O ineditismo dessa obtenção, dentre outros aspectos, deve-se, especialmente, à sua realização em um curtíssimo período de tempo. Ao final deste extenso processo sagrou-se vencedora a empresa suíça MOWAG, com a VtrBldEsp SR 8X8 PIRANHA III C.